

## **A PERCEPÇÃO DO AMOR COMO VOCAÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE DE I COR 13,1-13, E SUA RELAÇÃO COM OS DOCUMENTOS “DEUS CARITAS EST” E “GAUDIUM ET SPES”**

Marcelo Vinicius da Costa Souza<sup>1</sup>

Paulo Gomes da Cunha Neto<sup>2</sup>

### **Resumo**

O trabalho tem como objetivo analisar a expressão paulina “amor” no hino à caridade de I Cor 13, 1-13, relacionando-a com o amor apresentado na carta encíclica “*Deus caritas est*” e na constituição pastoral “*Gaudium et spes*”. Pretende-se realizar uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, que verifique se o amor, como vocação humana, realiza-se na vida comunitária. O percurso de investigação pretende estabelecer diálogo entre o escrito paulino e os referidos documentos do magistério. Com base nisso, evidenciou-se de que o amor, dom gratuito de Deus para com o ser humano, deve ser assumido como opção fundamental, enquanto vocação, realizando-a no próximo.

**Palavras-chave:** Amor. Vocação Humana. Comunidade.

### **1 INTRODUÇÃO**

O amor contém na sociedade hodierna várias facetas e formas de apresentação. Contudo, à luz da Sagrada Escritura e dos documentos “*Gaudium et Spes*” (GS) e “*Deus Caritas Est*” (DCE), podemos perceber que a sua vivência deve e precisa compor um campo ainda mais importante na vida do ser humano. Por isso, o assunto do seguinte trabalho vai procurar explicitar a ação do amor enquanto condição vocacional, mas também de convivência humana. Para isso, percorreremos a perícopes 1 Cor 13, 1-13, e

---

<sup>1</sup>Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Atualmente Graduando em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. E-mail:marcelo.00000845556@unicap.br

<sup>2</sup>Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Atualmente Graduando em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. E-mail:paulo.2021103574@unicap.br

os documentos supracitados que nos auxiliarão na compreensão acerca do amor.

A respeito do texto bíblico, é perceptível a atitude de Paulo em tentar responder a questões advindas da comunidade que podem ser solucionadas a partir da vivência e compreensão do que é o amor. Ainda assim, nesse texto também há uma imagem de Deus revelada e norteadada pelo amor, ao qual nossa compreensão de fé também pode ser envolta e moderada.

Os documentos por sua vez, apresentam a compreensão desse amor que não se esgota numa faceta individual, mas perpassa o caminho humano de modo holístico. Ou seja, à luz documental, vemos o amor que não somente revela a Deus, mas também revela o irmão e nos põe a disposição da vida em prol da caridade e do amor que Deus nos pede e o Apóstolo, em sua epístola, nos expõe. No mais, o presente trabalho procura relacionar essas duas visões do amor, considerando seus contextos e trazendo uma pertinente reflexão acerca do tema para o tempo atual.

## **2 SOBRE A PERÍCOPE DE 1 COR 13,1-13**

As duas epístolas de Paulo aos Coríntios contêm a intenção de responder a algumas questões, sendo essas de diversos temas, como: “pureza dos costumes, matrimônio e virgindade, ordem das assembleias religiosas e celebração da Eucaristia, uso dos carismas” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1958), bem como acerca das brigas internas numa comunidade intelectualmente viva, materialmente próspera e de grande imoralidade (Lauter, 2016, p. 234). Corinto era formada “em grande parte, de gregos, de alguns judeus e de uma minoria diversa” (Correia Júnior, 2024, p. 128). Assim sendo, nota-se uma grande diversidade nas doutrinas e costumes nessa comunidade, levando-a a se encontrar com inúmeros conflitos, divisões e escândalos internos.

No que se refere à perícopa, percebe-se que o amor é “o ápice da doutrina da epístola” (Feuillet, 1968, p. 50), pois Paulo visa levar à

comunidade a vocação, ao amor verdadeiro, à união na caridade. Essa união, ensinada por Cristo e pregada pelo Apóstolo, é notória quando se refere ao uso dos carismas, os quais não deveriam ser usados para distinguir entre fortes e fracos, mas em vista do amor, já que “sem o amor solidariedade eles não têm sentido” (Bortolini, 1992, p. 58). Com isso, apreende-se que Paulo, ao catequizar os coríntios desejava a unidade em Cristo, sem distinção, onde todos, na caridade e com seus carismas, não cultuariam vários deuses, como Afrodite e Apolo (1Cor 1,12), mas somente Cristo.

Desse modo, para Bento XVI o que Paulo escreve em 1Cor 13,1-13, “deve ser a carta magna de todo o serviço eclesial” (DCE, n. 34), uma vez que, tanto Cristo como Paulo desejam a perfeição do amor e não uma comunidade cheia de conflitos, divisões e imoralidade. Aqui se apresenta uma busca ao serviço, que brota do amor em Cristo sem distinção e escravização, visto que, a caridade, “não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 1Cor 13,6, p. 2010).

Diante desse cenário, podemos trazer luz à duas questões fundamentais: *Qual a mensagem de fé que é apresentada?* Bem como, *que Deus é revelado no texto ou neste momento histórico?* A priori, é possível perceber as muitas vezes que aparece a expressão “amor”. O Apóstolo explana, à comunidade de Coríntios, que a peça fundamental da nossa existência é o ágape, ou seja, o amor.

Paulo escreve sobre o amor dentro de um contexto em que estavam criando situações de conflitos por parte daqueles que tinham alguns dons, (1Cor 12). Diante disso, o Apóstolo busca refletir que o amor é “superioridade em relação a qualquer outro dom” (Barbaglio, 1989, p. 161), e o é superior, pois é fonte e base para qualquer outro.

Ou seja, o amor é essa fonte inesgotável, de onde emana toda a experiência do homem enquanto gestos e ações, modelado pelo espírito de

abertura para o agir do *Ágape* na vida humana<sup>3</sup>. Neste sentido, ser a imagem e semelhança de Deus (o amor por excelência) só é possível mediante um coração que se abre para uma vida posta à disposição do totalmente outro. Dessa maneira, a comunidade é convidada a ser constituída por homens e mulheres, que distribuem os bens com os famintos (v. 2-3), pois sem o encontro transformador com o Verdadeiro e Eterno, a relação humana é falha, limitada.

Com isso, a mensagem de fé situa-se na seguinte ideia: o ser humano foi criado para amar, ser canal do amor, ser experiência na vida do outro. Por isso, cada um de nós, torna-se responsável em comunicar o amor de Deus a todo ser humano. O amor é, pois, essa mensagem de fé. Evidencia-se então, um Deus que se revela amoroso, paciente e que, caminha com o homem na sua história, sendo a chama de amor, a luz que ilumina na caminhada, o sal que dá gosto (Mt 5, 13-16), sendo o amor por excelência, *Ágape!*

Mediante o exposto no texto da Carta aos Coríntios, escrito por São Paulo, compreendemos a importância do amor na vida humana e cristã. Contudo, é preciso adentrar nessa concepção e analisar sua adesão nos dias de hoje. Para isso, somos embasados nos documentos que nos auxiliam na vida da Igreja. Para melhor análise, percorreremos a "*Gaudium et Spes*" e a "*Deus Caritas Est*", procurando analisar essa concretude do amor e como a igreja nos indica vivê-lo.

### **3 O AMOR APRESENTADO NA “*DEUS CARITAS EST*” E “*GAUDIUM ET SPES*”**

Segundo a GS, o amor como embasamento de vida e dos mandamentos não é simplesmente uma ideia gerada a partir de reflexões exteriores, mas já contida naquilo que temos de primordial para o

---

<sup>3</sup> Para Paulo, que seguia de perto os passos de Jesus, andar em amor era crucial. Como ninguém, ele valorizava os dons espirituais e o serviço cristão abnegado, mas antes destas coisas ocuparem a pauta do dia, ele chamava a atenção para um caminho sobremodo excelente. Ele deixa claro que andar no amor de Deus é um caminho mais excelente do que visões, línguas, discernimento de espíritos, milagres e profecias. Aqueles dons têm a ver com os “olhos”, a “boca” e as “mãos” de Deus, mas o amor tem a ver com a essência do Seu caráter e pessoa, e deve ser o mesmo conosco (Huber, 2013, p. 96).

seguimento cristão. De acordo com o documento “o amor de Deus e do próximo é o primeiro e o máximo mandamento. Mas a Sagrada Escritura nos ensina que o amor de Deus não se pode separar do amor do próximo” (GS, n. 273). Ou seja, o ápice daquilo que entendemos por Lei, não caminha por outro viés a não ser o do amor, o qual não se esgota em Deus, mas perpassa aos irmãos e irmãs.

Outrossim, assimilar essa função vital do amor como proposta de vocação humana, se estende na compreensão do outro. O modo como devo compreender ao “outro”, que se comunica e exprime sua existência junto ao “eu”, é fator de discernimento e coerência cristã. Por isso, a percepção dos irmãos deve ser sempre a de que ele é um “outro eu” (GS, n. 283) e que minhas ações devem conceder o complemento necessário para a sua existência.

Essa questão nos impõe a distinção do bem. O bem enquanto ação qualitativa e que gera qualidade de vida, não pode ser resultado de acepção. Pois, temos a “imperiosa obrigação de nos tornarmos próximo de qualquer homem indistintamente [...]” (GS, n. 283). Com isso, deve-se ser percebido que a ação de aproximação se dá naturalmente, pois não parte de uma distinção regulada por um juízo de valor, mas primeiramente pela intenção de gerar e conceder o Bem.

Justamente por isso, nossa aproximação e relação não deve acontecer somente com quem nos convém. Mediante as adversidades de pensamento e posições sociais, a nossa postura deve ser sempre dialogal e caridosa. Pois, “quanto mais intimamente com humanidade e caridade compreendermos o seu modo de pensar, tanto maior será a facilidade para poder iniciar um diálogo com eles” (GS, n. 285). Dessa maneira, verdadeiramente haverá respeito e amor para com os adversários.

Destarte, o cenário cultural da atualidade é do homem forte enquanto praticante do individualismo. Entretanto, percebemos que, tanto no texto bíblico, quanto na GS, a força e solidez da vida humana está numa compreensão coletiva. Dessa forma, há uma tentativa de ruptura com o sentido de força pensado e executado pela sociedade hodierna.

Não obstante disso, o próprio Jesus já nos indicava esse caminho “junto aos irmãos”. Diante dessa realidade percebemos que o esvaziamento coletivo em troca do preenchimento individual não reflete genuinamente uma possível força, mas o contrário dela. Por isso, segundo a GS “o homem se fortalece, ao contrário, quando compreende as inevitáveis necessidades da vida social, assume as exigências multiformes da solidariedade humana e se responsabiliza pelo serviço à comunidade humana” (GS, n. 296).

Desse modo, o amor não somente é um condicionante vocacional, mas também da própria vida humana, seja ela de âmbito individual ou social. Corresponder ao amor, é ser capaz de praticar da caridade, presente na carta de São Paulo aos Coríntios, não como mais uma atividade, porém como opção fundamental do ser humano. Nesse viés, a prática do amor não se esgota em mero sentimento, mas permeia o engajamento e a concretude na vida social.

Ainda analisando a períclope paulina do Hino sobre o amor como dom maior, nota-se que o *Ágape*, ou seja, o amor incondicional é dado por Deus ao ser humano, pois “nós amamos porque ele, por primeiro, nos amou” (1 Jo 4,19). Assim, compreende-se que por ser amada, a pessoa humana tem consigo um dom, o qual foi dado gratuitamente e que sendo repleto desse amor, todo ser humano é chamado a amar, pois “amar é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro (DCE, n. 1).

Sendo assim, a forma de corresponder ao chamado de Deus é amando. A DCE mostra que o amor recebido deve ser comunicado, como bem retrata ao dizer que “o amor com que Deus nos cumula e que deve ser comunicado aos outros por nós” (DCE, n. 1). Com isso, São Paulo aponta aos coríntios que o amor recebido por todos como dom divino, deve ser colocado em prática no seu agir, como um caminho à plenitude do seu ser, ou seja, o fim último de sua vida que é corresponder ao chamado de Deus, ao amor.

Com isso, percebe-se que São Paulo exorta aos coríntios a vivência do amor, isso é evidenciado também na DCE quando Bento XVI diz que “o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o

fechar os olhos diante do próximo torna-os cegos também diante de Deus (DCE, n. 16). Assim, compreende-se que a comunidade dos coríntios não correspondia ao chamado divino, ao amor por estarem vivendo em meio a grandes conflitos: o egoísmo, divisões, superioridade de carismas e dons e não a ação de amar, do doar-se e ter tudo em comum (At 2,44), mas no fechar-se em si mesmo.

Desse jeito, nota-se que existe uma supremacia na vivência humana, a do amor pois “em primeiro lugar está o amor, o amor nunca deve ser colocado em risco, o maior perigo é não amar” (*Fratelli Tutti*, n. 92). Assim, a forma de colocar em prática esse amor é por meio do dar-se ao bem comum, uma vez que o vivenciando o amor“ já não se busca a si próprio, não se busca a imersão no inebriamento da felicidade: torna-se renúncia, está-se disposto ao sacrificio, e até o procura” (DCE, n. 6).

Contudo, o caminho apontado por São Paulo, e o mesmo por Bento XVI na Carta Encíclica em questão, é viver o amor como forma de doação. Mas, que não seja como viviam os coríntios, no seu individualismo e ambição. E, se indagados sobre a possibilidade de amar em meio a inúmeros conflitos e problemas como no contexto vital da perícopé, deve-se responder que sim, já que “o amor é possível, e nós somos capazes de o praticar porque criados à imagem de Deus (DCE, n. 9).

Por fim, sendo o amor a expressão vocacional, a pessoa humana necessita sair de si mesma para a vivência do bem comum, assim como Deus agiu para com a humanidade, com amor e não com a injustiça, o orgulho, a ostentação, a irritação, impaciência, mas com o “tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo tolera” (1Cor 13, 7). Dessa forma, a medida da vivência da vocação humana na comunidade deve ser a forma da Fonte do amor, do próprio amor, o qual “Deus é amor” (1Jo 4,8), isto é, amar como ele, pois “o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano (DCE 1), procurando nesse amar, no seguir seu chamado com os outros não o que é terreno, passageiro, mas o que é permanente e que se dirige ao eterno, ao próprio Deus, pois “o amor visa à eternidade” (DCE, n. 6).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, a compreensão do amor como realidade vocacional se apresenta de um modo mais concreto a partir da vivência e realização nos âmbitos individual, coletivo e espiritual. Desde o apóstolo Paulo até os documentos auxiliares, percebemos a compreensão do amor como sinal e presença do Deus que se revela, além de como a prática concreta desse amor nos leva a refletir o próprio Deus.

Portanto, o amor deve ser compreendido para além de um mero sentimento que se dirige primeiro a Deus, mas não se esgota n'Ele, pois engloba também a relação humana. Por isso, é compreendida a importância de viver e propagar esse amor na relação para com os outros, pois baseando-se nele (amor), podemos romper as barreiras das indiferenças e injustiças que compõe o meio social e religioso. O desenlace desenvolvido por tanto, é que o amor deve compor aquilo que entendemos por opção fundamental e, ainda assim, deve sempre nos propor a relação compromisso e gratuidade de Deus que nos ama, mas também nos pede para amar o outro.

#### REFERÊNCIAS

- BARGAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo I*. São Paulo: Loyola, 1989.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORTOLINI, José. *Como ler a primeira carta aos coríntios: superar os conflitos em comunidade*. São Paulo: Paulus, 1992.
- CARTAS de São Paulo (As)*. Presbíteros.org.br. São Paulo, 29 de abri. de 2009. Disponível em: <https://presbiteros.org.br/as-cartas-de-sao-paulo/>. Acesso em: 04jun. 2024.
- CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. *Constituição Dogmática Gaudium et Spes*. Vaticano: 1965. Não paginado. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 25 ago. 2024.

CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Material Didático: Introdução à Sagrada Escritura* (Unicap). 2024.

FEUILLET, Robert A. *Introdução à Bíblia*. São Paulo: Herder, 1968, v.3.

FRANCO, Helena G. *O drama do amor em 1 Cor 13*. 68 p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Integrado em Teologia, Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Teologia, Lisboa, 2014.

HUBER, A. *Amor o caminho mais excelente: Segredos divinos para andar em perdão, reconciliação e harmonia*. Fortaleza: Premium, 2013.

LAUTER, Gabriel Giroto. A historicidade da ressurreição: um estudo exegético de 1 Coríntios 15.1-11. *Revista Batista Pioneira*, Paraná, v.5, n.2, p. 227-251, dezembro, 2016.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em 25ago. 2024.